

Ciência ou Estética? Wittgenstein e as implicações linguísticas em torno da Psicanálise freudiana

RESUMO

O objetivo do presente artigo é o de apresentar a análise e também a crítica do filósofo L. Wittgenstein ao pensamento psicanalítico de S. Freud. O procedimento wittgensteiniano liga-se a um método comum na filosofia do austríaco que é o da análise e crítica da linguagem. Segundo Wittgenstein, Freud no desenvolvimento de seu método psicanalítico teria cometido equívocos linguísticos corriqueiros que estão diretamente relacionados à confusão de termos no interior de sua teoria. O que este artigo, em específico, fará é demonstrar equívocos interpretativos em torno de termo como *causa* e *razões*. Segundo Wittgenstein, foi do mau entendimento do uso desses termos que Freud teria feito *estética* pensando fazer *ciência*.

Palavras-chave: Wittgenstein; Freud; Linguagem; Psicanálise; Estética; Ciência.

ABSTRACT

The aim of this article is to present L. Wittgenstein's criticism and analysis towards S. Freud's psychoanalytic thoughts. Wittgensteinian procedure is linked to an ordinary method in the Austrian philosophy which is the analysis and criticism to language. According to Wittgenstein, Freud, in the development of his psychoanalytic method, had made some commonplace linguistic mistakes which are directly related to confusion of terms in his theory. This article will display misinterpretations regarding terms such as *cause* and *reasons*. According to Wittgenstein, it was because of the poor understanding of the use of such terms that Freud had built aesthetics instead of building science.

Key words: Wittgenstein; Freud; Language; Psychoanalysis; Aesthetics; Science.

* Professor da UNIMONTES e doutorando em Filosofia pela UFSCar.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a crítica de Wittgenstein (1889-1951) à psicanálise freudiana. Sua fundamentação terá como base as obras *Philosophical Investigations* (1951) e *Lectures and Conversations on Aesthetics, Psychology and Religious Belief* (1966) de L. Wittgenstein. Não se trata de uma análise específica do pensamento de Sigmund Freud (1856-1939), muito menos da análise de seu *Entwurf Einer Psychologie* (1895/1950) – obra que tomamos como ponto de partida. Trata-se, a princípio, da verificação de como Wittgenstein se comporta diante da “vulgarização” da psicanálise no mundo e como, para ele, tornava-se perniciosa sua aceitação eufórica e ao mesmo tempo acrítica. Ele achava que a enorme influência da psicanálise na Europa e nos EUA era perigosa, como escreve R. Rhees, e que “ainda levaríamos muito tempo para perdermos nossa subserviência para com ela.” (LC, 74 [88]).¹

Na seqüência, trataremos da reprovação de Wittgenstein de se querer dar à teoria freudiana um caráter científico. Sua contraposição basear-se-á na própria estrutura da linguagem que, em seus jogos, denuncia a confusão feita por Freud entre os conceitos de “causa” e “razão”.

Na introdução do *Projeto de uma Psicologia* (1895) vemos um esboço da pretensão de Freud em configurar cientificamente sua teoria:

O propósito [é] fornecer uma psicologia científica e naturalista, ou seja, expor os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição. (GABBI JR, 2003).

Fato que parece, para época, causar estranhamento e alguns questionamentos: se a ciência rejeita, para fora de seu campo de

interesse, a vida psíquica, se esta, pelo seu “objeto”, é encarada com suspeita e abandonada ao poder de leigos, poetas, filósofos e místicos, como inseri-la no campo quantitativo das ciências naturais? Como atribuir um caráter científico à psicanálise se ela parece se encontrar fora da racionalidade científica? Como pensar em um “objeto” de análise psicanalítica, portanto científica segundo Freud, se seu lugar é o inconsciente? Qual é a concepção que o próprio Freud tem de ciência? Não seria toda construção psicanalítica, pura e simplesmente, uma confusão de linguagem? A estas questões Freud tenta responder dizendo que “esta é a lacuna que a psicanálise procura preencher” (FREUD, 1916, p. 33). Assim fazendo, ela estende à vida psíquica os mesmos métodos e procedimentos da ciência, conferindo-lhes racionalidade. A justificativa da racionalidade científica, por exemplo, é objeto de uma exposição condensada na abertura do texto *A Pulsão e seus Destinos* (FREUD, 1915, p. 137).

O estudo de tais explicações causa uma inquietação em Wittgenstein, que se contrapõe a Freud afirmando que a concepção que ele faz da psicanálise como uma ciência é bastante distinta da que ele toma como modelo, a da termodinâmica do século XIX. Mesmo que a psicanálise possa ser designada como um procedimento metódico – observação de certos fenômenos, conjecturas, formulação e confirmação de hipóteses, teorização – ela parece poder prescindir de sua verificabilidade, “da ajuda fornecida à pesquisa, mediante a experimentação”, como observa Freud (1933, p. 211). No entanto, não podemos sustentar que a crítica de Wittgenstein se reduz ao sentido verificacionista. Trata-se de uma análise que o referido filósofo faz da “filosofia implícita” da psicanálise. A crítica wittgensteiniana limita-se aos elementos lingüísticos da situação analítica; ela é, por assim dizer, interior ao próprio procedimento freudiano. A mito-

¹ Citaremos sempre a página da edição brasileira (Cultrix, 1970), seguida da página da edição francesa (Gallimard, 1971), com a qual a presente tradução foi cotejada, a partir das iniciais “LC”. Referências completas ao final do texto.

logia que Wittgenstein pretende denunciar em relação à psicanálise é aquela que decorre de uma determinada *maneira de pensar*, que poderíamos chamar de *cientificista*, e concerne muito mais ao uso que se pode fazer da teoria do que à teoria em si.

Toda crítica dirigida por Wittgenstein a Freud processa-se em um contexto próprio, cuja análise clarifica ambas as pretensões e subsidia o entendimento do desenrolar da trama. Cabe-nos, de forma panorâmica elucidá-lo, tentando apontar os possíveis caminhos de distinção e de entrecruzamento das vidas e das teorias desses dois grandes nomes do pensamento contemporâneo.

O contexto de Freud e Wittgenstein

A Viena dos Habsburgos antes da I Guerra Mundial era composta das mais fascinantes personalidades (Cf. JANIK, TOULMIN, 1991): na música, Franz Schubert, Hugo Wolf, Arnold Schonberge, Gustav Mahler; na pintura, Hanslick e Makart; na medicina (o centro médico do mundo), Hebra, Skoda, Krafft-Ebing e Billroth e o pioneirismo de Freud em pesquisa em psicanálise e Semmelweis em assepsia; na literatura, Karl Kraus e Robert Musil que havia expresso o sentimento de muitos austríacos quando comentou em seu romance *O Homem sem Qualidades*:

Há duas coisas contra as quais não se pode lutar, porque são compridas demais, gordas demais e não tem pés nem ca-beça: Karl Kraus e psicanálise.²

Outros grandes nomes despontam nesse cenário Gustav Klimt, Adolph Loos, Oskar Koskoscha e Ludwig Wittgenstein, um dos filósofos mais influentes do século XX.

Wittgenstein e Freud compartilham do mesmo ambiente de Viena. Freud viveu nessa cidade desde os três anos de idade, como um exilado. Este sentimento de exílio era como Freud caracterizava sua relação

com a cidade e a cultura da época. Homem de ciência refugiou-se no trabalho solitário e na companhia de alguns colaboradores, participando pouco diretamente da efervescência cultural da Viena do fim de século. O ambiente de Wittgenstein, de família abastada, pertencente à alta burguesia, difere do de Freud. A mansão dos Wittgenstein é conhecida por acolher artistas, especialmente músicos, como Brahms. Wittgenstein viverá pouco em Viena, circulando por vários lugares. Suas várias passagens por Cambridge e as ligações que aí estabeleceu com a Universidade, projetaram-no à filosofia.

Apesar da separação de uma geração entre Freud e Wittgenstein, o segundo teria participado da novidade freudiana no contexto cultural vienense e teria visto de perto o desenrolar das críticas levantadas contra a psicanálise, que teria desagradado a muitos, especialmente a classe média, nas questões que concerniam o papel da sexualidade na vida humana. (JANIK, TOULMIN, 1991, p. 28).

Entre os que se posicionavam enfaticamente contra a psicanálise e seu papel, maior destaque se dá a Karl Kraus que tinha na *crítica da linguagem* seu modelo de trabalho. Sua argumentação tornou-se paradigmática da crítica vienense à psicanálise:

Os psicanalistas pretendem ter sempre razão, quando é impossível demonstrar a falsidade de qualquer proposição analítica. E completa: A ciência de outrora negava a sexualidade dos adultos. A nova (a psicanálise) pretende que o bebê já experimenta volúpia durante a defecação. A antiga visão era melhor: os interessados podiam, pelo menos, contradizê-la. (KRAUS, 1908, p. 22).

É importante salientar que, como leitor habitual de Kraus, no que escrevia num folheto de circulação quinzenal intitulado *Die Fackel* (A Tocha), Wittgenstein reconheceria a influência de Kraus em sua “filosofia como uma crítica da linguagem” (TLP,

² Este comentário refere-se à querela entre Kraus e Freud no que diz respeito às críticas do primeiro com relação à teoria psicanalítica do segundo. Na verdade, trata-se mais das posições satíricas de Kraus contra Freud cujos nomes eram evitados de serem mencionados publicamente pelos cidadãos vienenses – assim admitindo tacitamente a verdade das asserções de ambos.

4.0031). Mostra-se igualmente crítico em relação à psicanálise, apesar de reconhecer-se um “discípulo de Freud”, como atesta Rush Rhees ao relatar o primeiro contato de Wittgenstein com a obra de Freud, por volta de 1919:

Eu tive um sobressalto de surpresa, teria dito Wittgenstein, ali estava alguém que tinha alguma coisa a dizer. Ele considerou Freud um dos poucos autores dignos de serem lidos e costumava referir-se a si mesmo como um discípulo e um seguidor de Freud. (LC, 73 [87]).

Porém, como não se sabe, até então, em que sentido Wittgenstein emprega os termos “discípulo de Freud”, nessa mesma obra mostra-se reticente a psicanálise freudiana:

Em suas análises, Freud fornece explicações que muitas pessoas se inclinam a aceitar. Ele salienta que as pessoas têm desinclinação a aceitá-las. Mas se a explicação é de molde a fazer as pessoas relutarem em aceitá-las, é altamente provável, outrossim, que seja a explicação que estão inclinadas a aceitar. (LC, p.76 [90]).

E, em uma carta de 1945, escreve a Malcolm que começara então a ler Freud:

Eu também fiquei muito impressionado quando li Freud pela primeira vez. É extraordinário. Certamente, está cheio de idéias que não são claras, mas seu charme e o charme de seu tema são tão grandes que você pode facilmente ficar mistificado. Ele sublima sempre quais as grandes forças do espírito, quais os fortes preconceitos que trabalham contra a idéia da psicanálise, mas não diz nunca que enorme charme essa idéia tem sobre as pessoas, como tem para ele. Pode haver fortes preconceitos contra a idéia de se descobrir alguma coisa desagradável, mas é talvez infinitamente mais atraente que repugnante. A menos que você pense muito claramente, a psicanálise é uma prática perigosa e torpe; tem feito um mal infinito e, comparativamente, muito pouco bem [...]. Tudo isso bem entendido, não desmerece em nada as coisas extraordinárias que Freud realizou do ponto de vista científico. Mas as conquistas científicas extraordinárias têm em nossos dias uma maneira de ser utilizadas para a destruição dos seres humanos (quero dizer, de seus corpos, de suas almas ou de

sua inteligência). Portanto, cuide bem de vossa cabeça! (MALCOLM, 1958, 53).

Segundo Carvalho (2002, p. 18),

ao que tudo indica, Wittgenstein teria restringido sua leitura aos textos de Freud escritos entre 1900 e 1905 ou, mais precisamente, aos textos: *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1902) e *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905).

Nestes textos Wittgenstein se posiciona veementemente contra a explicação freudiana dos sonhos, dos atos falhos e dos chistes os quais teriam sido caracterizados como hipóteses do inconsciente. Mas, o interesse maior de Wittgenstein por Freud concentra-se em torno de seu interesse pela linguagem dos sonhos e sua interpretação; o que aparenta, segundo ele, com seu modo próprio de interpretação no campo da linguagem (McGUINNESS apud BOUWSMA, 1986, p. 9-12):

Freud teria mostrado, em suas interpretações, que o significado aparente de uma palavra, em sua *gramática superficial*, poderia ser bastante diferente do significado revelado por sua *gramática profunda*. Wittgenstein considerava que Freud era extremamente astucioso em relação à interpretação. Ele comparava os efeitos de seu próprio ensinamento àqueles de Freud: “As coisas ensinadas, como o vinho, tem tornado as pessoas ébrias. Elas não sabem mais utilizá-las da forma como foram ensinadas”. Acreditava que a maior parte daqueles que vinham até ele, em busca de algum ensinamento, somente o faziam porque ele era astucioso. “E eu sou astucioso, mas isto não é o importante”. Assim como Freud, Wittgenstein considerava-se dotado de uma grande riqueza de imaginação, com especial capacidade para inventar novas analogias e, como tal, sujeito aos mesmos ricos; mas o seu pensamento seria muito mais reprodutivo que produtivo.

Admitidas as semelhanças entre os dois pensadores, resta apontar suas diferenças, que parecem, a primeira vista, muito mais acentuadas; de forma que permanece como um ponto obscuro saber em que Wittgenstein se considerava um “seguidor de Freud” se “para aprender com Freud, a

pessoa tem que manter uma atitude crítica; e a psicanálise em geral impede isso" (LC: 74 [88]). Isso porque, para Wittgenstein, em Freud é justamente a suspensão da atividade crítica a disposição necessária ao procedimento da livre associação. O reconhecimento da atividade mental inconsciente exigiria, como preparação psicológica, um certo rebaixamento de toda atividade da consciência, o que demandaria um problema a resolver: como creditar ao objeto inconsciente um caráter científico? É aí que Freud se torna alvo de Wittgenstein.

A pretensão de uma Psicologia Científica

Como citado anteriormente, desde o *Projeto de uma Psicologia* (1895), Freud assume o "propósito de fornecer uma psicologia científica e naturalista". Essa cientificidade da teoria freudiana não só causa estranheza em Wittgenstein, como também em seus contemporâneos. Um exemplo é o supramencionado caso da livre associação: como caracterizar tal procedimento como científico? Se o procedimento, como sugere Wittgenstein, tem por intenção minar a censura psíquica àquilo que se apresenta como um dado imediato: pensamentos espontâneos, fantasias e imagens, que emergem tão logo cesse esta atividade e a partir dos quais se tece a trama interpretativa, inserindo o analisando em um estado-limite ao sono e a vigília, obstruindo a crítica do mesmo e impondo-lhe a adesão a uma proposição como verdadeira, não estaria o mesmo motivando a tendência *instintiva* humana em aderir àquilo que se apresenta como sendo a *explicação* de algo? O próprio Freud admite ser esse o seu procedimento:

À situação conduziu-me de imediato à teoria de que por meio do meu trabalho psíquico eu tinha que superar uma força psíquica nos pacientes que se opunham que as idéias patogênicas se tornassem conscientes. (FREUD, 1895, p. 325).

Como também admite que a disposição à associação livre se assemelha ao limite entre o estado de sono e a vida de vigília:

O que está em questão, evidentemente, é o estabelecimento de um estado psíquico

que, em sua distribuição de energia psíquica (isto é, de atenção móbil), tem alguma analogia com o estado que precede o adormecimento – e, sem dúvida, também com a hipnose. (FREUD, 1900, p.109).

Com isso, a sugestão passa a ser usada como um recurso clínico que deve levar a um trabalho associativo por parte do analisante; é o analisante quem deve encontrar o caminho até o *pensamento inconsciente*, ao conteúdo buscado. O analista é convocado a participar deste trabalho para superar a resistência, oferecida pela atividade crítica, à emergência do pensamento inconsciente (CARVALHO, 2002).

O problema para Wittgenstein seria o de separar o argumento técnico, que pressupõe a suspensão da atividade crítica como meio de abordagem do inconsciente na prática psicanalítica, pela imposição da teoria. A psicanálise seria acusada por Wittgenstein de obstruir a crítica, na medida em que, suspeita que toda crítica presentifica uma resistência. É justamente o desarmar dessa resistência que cria as condições para a aceitação acrítica da proposição analítica. A recomendação a Malcolm (1958) alerta sobre o encantamento ou o "charme" freudiano, como sobre sua astúcia em nos atrair com suas descobertas "científicas", como também, sobre a vulgarização degradante da psicanálise que a torna destrutiva. Diante de tais observações resta-nos um esclarecimento filosófico da mesma.

Segundo Carvalho (2002, p.32),

[...] o que parece paradoxal, neste conflito de racionalidades entre os dois autores, é a denúncia wittgensteiniana de uma racionalidade freudiana – sua pretensão de construir uma teoria, estruturada de forma a *explicar* uma sucessão de fatos e idéias, conferindo-lhes uma determinação conforme o modelo da ciência. De fato, Freud convoca a *racionalidade* da ciência para sustentar sua hipótese do inconsciente. É neste terreno que irá se desenvolver a crítica wittgensteiniana de Freud: o confronto entre as duas racionalidades liga-se mais às diferenças na *maneira de ver* do que um debate no campo das *idéias*.

Sabemos que o campo onde se desenvolve o pensamento de Wittgenstein é o campo da linguagem. Desde o *Tractatus Logico-Philosophicus* (1922) procurava criar uma linguagem científica perfeita, numa investigação obsessiva de uma filosofia transparente que eliminasse qualquer tipo de paradoxo, acreditando ter resolvido todos os problemas da filosofia:

a verdade dos pensamentos aqui comunicados parece-me intocável e definitiva. Portanto, é minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas. E se não me engano quanto a isso, o valor deste trabalho consiste, em segundo lugar, em mostrar como importa pouco resolver esses problemas. (TLP, Prefácio).

Já em seu livro *Investigações Filosóficas* (1951), muda o foco de interesses (denuncia a “sublimação da lógica” como um erro de sua primeira filosofia) e acaba se contrapondo a sua primeira maneira de ver, mas o ponto fulcral continua sendo a linguagem, seus jogos e seu caráter terapêutico, diz ele:

Nossos claros e simples jogos de linguagem não são estudos preparatórios para uma futura regulamentação da linguagem, como que primeiras aproximações, sem considerar o atrito e a resistência do ar. Os jogos de linguagem figuram muito mais como objetos de comparação que, através de semelhanças e dessemelhanças, devem lançar luz sobre as relações de nossa linguagem. (PI: § 130).

Em contrapartida, os resultados empíricos da ciência interessam pouco a Wittgenstein, na medida em que, são de pouca utilidade para tratar dos problemas que o preocupa.

Posso achar as questões científicas interessantes, mas elas nunca me empolgam de verdade. Só as questões conceituais e estéticas conseguem isso. No fundo, a solução de problemas científicos me deixa indiferente, ao contrário da solução de outras de outras indagações. (VB: p. 99 [79]).

Como também, recusa-se a teorizar. Atitude que se torna característica em sua filosofia, conforme expressou em uma de suas reuniões com o chamado Círculo de Viena:

A qualquer coisa que me digam que seja teoria, eu direi: ‘não, não, isso não me interessa!’. Mesmo que fosse verdadeira, ela não me interessaria, não seria jamais aquilo que busco. (MCGUINNESS, 1987).

Essa atitude não faz de Wittgenstein o tipo de pensador que se distancia das discussões científicas e dos seus reflexos. Muito pelo contrário, torna-se um dos maiores críticos da ciência contemporânea, de seus usos e sentidos, como também, da aceitação do “mito” de que a ciência tudo entende, tudo abarca e tudo resolve. De acordo com o *Tractatus*, “toda a moderna visão do mundo está fundada na ilusão de que as chamadas leis naturais sejam as explicações dos fenômenos naturais.” (TLP: 6, p. 371).

Assim, detêm-se diante das leis naturais como diante de algo intocável, como os antigos diante de Deus e do Destino. E uns e outros estão certos e estão errados. Os antigos, porém, são mais claros, na medida em que reconhecem um termo final claro, enquanto, no caso do novo sistema, é preciso aparentar que está tudo explicado. (TLP: 6, p. 372).

É, portanto, no terreno marcado pelo confronto com “espírito da ciência” que Wittgenstein irá abordar o empreendimento freudiano.

Sabe-se que Freud jamais hesitou em considerar que a psicanálise se inscrevesse no campo da ciência, mesmo reconhecendo certas dificuldades de acomodação entre um e outro discurso, em função de características próprias de seu objeto. Para ele a ciência seria a *nossa maneira de ver o mundo*. Admite, porém, que há um certo estranhamento entre a natureza da psicanálise e o objeto científico uma vez que “não existe verificação objetiva da psicanálise nem possibilidade de demonstrá-la.” (FREUD, 1916, p. 31). Trata-se de uma exigência interna à psicanálise em atribuir-se racionalidade científica, cujas justificativas, Freud apresenta na abertura do texto *A Pulsão e Seus Destinos* (1915, p. 137). Nesse texto Freud fala em observação e descrição de fenômenos, de agrupamento, de classificação e correlação, criação de conceitos básicos, de “espírito da ciência” e que, portanto, a

psicanálise compartilha com a ciência sua potência explicativa, seus benefícios e seus procedimentos. Razões as quais parecem, para Wittgenstein, não justificar a cientificidade da mesma. Ele empreende uma interpretação da teoria freudiana e “consegue” identificar a confusão lingüística de onde teria surgido a justificativa científica dessa mesma teoria. Diz:

Freud alega constantemente que está sendo científico. Mas o que fornece é especulação – algo anterior, inclusive, à formação de uma hipótese (LC: 78 [93]). Freud se refere a diversos mitos antigos, em suas conexões, e pretende dizer que suas investigações permitiram, enfim, explicar como o homem pôde pensar ou propor esse tipo de mito. Em verdade, Freud fez coisa muito diversa. Ele não deu uma explicação científica do mito antigo. O que fez foi propor um novo mito. Por exemplo, a idéia de que toda ansiedade é a repetição da ansiedade do trauma do nascimento tem a mesma atratividade de uma mitologia. “É tudo o resultado de algo que aconteceu há muito tempo atrás”. É quase como se referisse a um *totem*. (LC, p. 87 [104]).

Quando as pessoas aceitam ou adotam tal explicação, há certas coisas que lhes parecem muito mais claras e acessíveis. O mesmo acontece com a noção de inconsciente. (LC: 76 [91]).

Wittgenstein, em suas *Investigações Filosóficas* (1951), assume que cabe a filosofia apontar para os *limites* da linguagem, distinguindo diferentes usos de uma palavra ou destituindo-a de seu contexto original para mostrar que ela assume, em um outro contexto, uma outra significação:

Queremos estabelecer uma ordem no nosso conhecimento do uso da linguagem: uma ordem para uma finalidade determinada; uma ordem dentre as muitas possíveis; não a ordem. Com esta finalidade, salientaremos constantemente diferenças que nossas formas habituais

de linguagem facilmente não deixam perceber (PI: § 132).

Esta é a confusão, denunciada por Wittgenstein, que Freud faz da gramática das causas, com a gramática das razões. Para ele a confusão surge quando passamos de “um domínio da filosofia a um outro, de um grupo de palavras a um outro.” (LC, p. 13 [15]). Agora, em que consistem ambas gramáticas? Onde Freud teria errado? Por quê?

No *Caderno Azul* (1933-1934), Wittgenstein explicita, pela primeira vez, a diferença entre causa e razões. Chega-se a esta confusão pelo uso ambíguo da palavra “porque”:

Assim, quando a *cadeia de razões* chegou a um termo e ainda se pergunta ‘porque’, sentimo-nos inclinados a indicar uma causa em lugar de uma razão. (BB, p. 44). E o que isso quer dizer?

Para Carvalho (2002, p. 62)

o uso ambíguo da palavra ‘porque’, aplicado tanto às causas como aos motivos³, faz pensar que se pode conhecer um motivo como causa vista interiormente e como se toda ação fosse a consequência de um ‘motivo suficiente’, como observa Freud em suas *Lições de Psicanálise*. O psicanalista se distingue pela rigorosa fé no determinismo da vida mental. Para ele não existe nada insignificante, arbitrário ou casual nas manifestações psíquicas. Antevê um motivo suficiente em toda parte onde habitualmente ninguém pensa nisto; está até disposto a aceitar causas **múltiplas** para o mesmo efeito, enquanto nossa necessidade causal, que supomos inata, se satisfaz plenamente com uma **única** causa psíquica. (FREUD, 1910, p. 36) (Grifos nossos).

A idéia de uma causa múltipla, adotada por Freud, denuncia que estamos no campo da série de razões; é uma forma de admitir que “poderia ser de outro modo”. No entanto, impulsionado por seu determinismo, Freud considera que a psicanálise trabalha no terreno das causas. Wittgenstein tenta mostrar que causa e motivo obedecem a gramáticas diferentes e que Freud, ao tra-

³ Observação do autor: “A gramática da palavra “razão” e a gramática da palavra “motivo” são, como observa Wittgenstein (BB, 45), suficientemente próximas para que possamos usá-las aqui indistintamente”.

tar os motivos como causas, criou uma série de confusões que não são sem conseqüências para a prática da psicanálise. (CARVALHO, 2002, p. 62-63)

A proposição segundo a qual a vossa ação tem uma determinada **causa** é uma hipótese. A hipótese terá fundamento se um certo número de experiências forem, falando de uma maneira geral, concordantes, na demonstração de que a vossa ação é a conseqüência habitual de certas condições que, nesse caso, chamamos de **causa** da ação. Para saber qual a **razão** para fazerem uma determinada afirmação, para agirem de uma determinada maneira, etc., não é necessário qualquer número de experiências concordantes, e a exposição da vossa **razão** não é uma hipótese. (BB, p.44-45) (Grifos nossos).

Diz Wittgenstein que “uma boa razão é aquela que aparenta sê-lo.” (PI § 483), “porque torna realmente verossímil a ocorrência” (PI § 484). Ela é conhecida oferecendo-se justificativas para uma ação, por exemplo, “sim, penso que foi por isso que chorei”, ou então, “é exatamente isso, foi por isso que o fiz”; ou ainda: “não sei por que fiz aquilo, talvez haja uma razão inconsciente”. Assim, *uma razão reenvia àquilo que alguém pode dizer com base em uma seqüência de pensamentos, como resultado de uma dedução ou de um cálculo, exemplo, “cheguei a esta conclusão a partir deste raciocínio”*. A razão exige um *reconhecimento possível* por parte do interessado. Já com a causa, o procedimento, é diferente. Ela é definida com base em experimentos, observando uma coincidência regular de processos. A causa não poderia ser conhecida como uma razão, mas *conjeturada*; ela se acrescenta à seqüência de eventos observada. Como posso dizer, por exemplo, que sinto o que é estabelecido por meio de experimentos? (PI § 169); ou que sinto uma conjectura? Tais frases seriam, para Wittgenstein, uma espécie de confusão gramatical. Da mesma forma, deve-se distinguir entre o objeto de meu temor e a causa do temor. “O rosto que nos inspira temor ou encantamento (o objeto do temor, do encantamento)

não é por isso sua causa, mas – poder-se-ia dizer – sua orientação. (PI § 476).

A noção de uma *razão inconsciente* introduz a dificuldade adicional de que esta razão não se dá a conhecer de imediato, parecendo requerer um procedimento interpretativo. No entanto, o critério para se saber qual a razão de uma determinada ação, continua na dependência do consentimento dado pelo paciente, isto é, na medida em que uma razão inconsciente não vem a ser descoberta por uma evidência, não é o resultado de uma relação *externa*. Isto parece se relacionar com a observação de Wittgenstein a respeito dos critérios do que Freud considera ser a solução correta para a interpretação de sonhos:

Freud nunca mostra onde está a solução correta. Uma vez, ele diz que a solução correta, ou a análise correta, é aquela que satisfaz o paciente. Outras vezes, afirma que o doutor conhece qual seja a solução ou a análise correta do sonho, ao passo que o paciente não o sabe: o doutor pode dizer que o paciente está errado. (LC, p. 75 [91]).

Wittgenstein insiste que o jogo de linguagem de uma investigação causal é fundamentalmente diferente que o jogo de linguagem que consiste em procurar as razões. Freud teria tratado as razões como causas, supondo que se poderia chegar às determinações últimas de uma manifestação psíquica qualquer e ao considerar que as razões poderiam ser conjeturadas por um procedimento do tipo científico. Por outro lado, trata as causas como as razões, supondo que as causas que ele procura poderiam ser conhecidas como as razões, o que, no entanto, nada tem a ver com a maneira como se verificam as hipóteses causais nas ciências experimentais. Com isso, Freud teria atribuído um caráter *causal* à explicação psicanalítica, embora todo o seu procedimento seja orientado por uma *gramática das razões*. A ilusão metapsicológica de Freud, segundo Wittgenstein, é acreditar falar de coisas onde, na verdade, refere-se a regras; “afirma-se de uma coisa aquilo que se encontra no modo de representação.” (PI § 104). Suas explicações te-

riam muito mais um caráter estético do que mesmo científico.

A Explicação Estética

Para Wittgenstein, a explicação freudiana tem a aparência de ser uma explicação causal, mas o que de fato Freud faz, ao propor uma explicação, é algo muito mais próximo de uma explicação estética. “Ele coloca os dois fatores um ao lado do outro.” (WITTGENSTEIN, 1932-1935, p. 39-40). É o que revela, por exemplo, sua explicação do chiste:

Uma questão que Freud trata psicologicamente, mas cujo estudo tem a característica de um estudo estético, é aquela da natureza de um chiste. A questão: “qual é a natureza de um chiste?”, é análoga à questão: “qual é a natureza de um poema lírico?” [...]. O modo psicanalítico de descobrir porque uma pessoa ri é análogo a uma pesquisa estética, pois a correção de uma análise deve ser o acordo da pessoa à qual a análise é dada [...]. A exposição dos elementos de um sonho, por exemplo, um chapéu (não importando o que pode querer dizer na prática), é uma exposição de comparações. Como em estética, as coisas são colocadas uma ao lado da outra de forma a exibir certas características. Elas jogam luz sobre o nosso modo de considerar um sonho; há razões para o sonho.

“Uma explicação estética não é uma explicação causal” (LC, II § 38). “Problemas estéticos nada têm a ver com experimentos psicológicos, mas são respondidos de maneira inteiramente diferente.” (idem, § 36). Rigorosamente falando, uma explicação estética apenas descreve a coisa, não diz o que ela é. Trata-se de uma atividade que é ao mesmo tempo, descritiva e constitutiva de seu objeto, no sentido em que se destina a fazer ver alguma coisa. A explicação estética não é científica!

O que se estabelece em torno desta descrição progride por analogia, colocando-se uma coisa ao lado da outra. Assim, quando observamos um quadro, podemos dizer que todos os elementos estão dispostos na superfície, nada há de

oculto a desvendar. Não se pode dizer, então, que **deciframos** um quadro, como se houvesse alguma verdade a exumar. É provável que, ao apreciar um quadro, possamos estabelecer algumas relações significativas, assim como o sonhador descobre, por meio da livre associação, aspectos relevantes de sua história, pensamentos e desejos que impregnam as imagens do sonho. Mas isso não explica **porque** se fez esse quadro ou se teve esse sonho [...] Interpretar um sonho é como **pintar um quadro** [...], melhor, talvez, do que dizer que interpretar um sonho é como **interpretar um quadro**. (CARVALHO, 2002, p. 94. Grifos nossos).

Os enigmas que se originam dos efeitos exercidos pela obra de arte não são enigmas acerca de como tais efeitos são causados. Com isso, poderíamos fazer uma aproximação entre a explicação científica e a gramática das causas e entre a explicação estética e a gramática das razões. Uma explicação estética não busca descobrir novas evidências ou processos causais ocultos, mas uma visão sinóptica capaz de ordenar o que já nos é evidente de uma maneira nova. Ela se distingue da explicação científica enquanto essa procura na relação causal o recinto onde cessam as explicações e lança mão de experimentos. A relação causal é externa em relação aos fatores envolvidos, pautando-se em uma *objetividade* que busca independência de uma afirmação subjetiva. Já a explicação estética convoca o sujeito a quem ela se dirige.

É nisso que se baseia o contraponto de Wittgenstein a Freud; parecem existir na teoria freudiana, explicações que se tornam bem distintas de uma explicação no campo da ciência. Wittgenstein chama a atenção, quanto a isso, em relação à maneira como Freud justifica uma explicação em seu livro *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905):

Freud escreveu a respeito do chiste. Você poderia dizer que a explicação que ele dá é causal. “Se ela não é causal, como saber se é correta?”. É que você concorda. “Sim, isso mesmo!” Freud transforma o chiste em uma outra forma que nós reconhecemos como uma expressão da cadeia de idéias que nos conduziu

de um extremo ao outro do chiste. Um modo completamente novo de justificar a correção de uma explicação. Não uma explicação conforme a experiência, mas uma explicação aceita. É isso o que conta na explicação (LC, II § 39).

A questão da subjetividade ou da intersubjetividade na explicação aceita, inquieta Wittgenstein, quando ao pensar na possibilidade da imputação de uma determinada interpretação ao paciente. Não significa que tal explicação seja necessariamente correta, ou que se trate realmente de uma "interpretação." O que Freud busca são razões em tornar questões como o chiste, o sonho ou o *lapsus* inteligíveis. A arte interpretativa freudiana, empregada com certa *virtuosidade e astúcia*, é o que interessa e fascina a Wittgenstein, na medida em que, revela uma nova maneira de justificar uma explicação correta e uma nova maneira de representar as coisas, permitindo relacionar um enorme leque de fatos psíquicos – o que Freud confunde com a produção de uma nova ciência. Para Wittgenstein, a psicanálise é *um* meio do qual dispomos para satisfazer nossa necessidade fundamental e legítima de significar um maior número possível de coisas.

A idéia de as pessoas terem pensamentos inconscientes tem certo encanto. A idéia de um submundo, de um porão secreto. Algo oculto e misterioso [...] Existem numerosas coisas que a pessoa se dispõe a aceitar porque são misteriosas. (LC, III § 26).

A situação psicanalítica se assemelha muito à procura de uma palavra para exprimir um pensamento. Depois de rejeitar uma série delas, chegamos finalmente a uma forma de expressão que nos satisfaz e que conclui a procura: "*Era isso o que eu queria dizer!*". O trabalho do filósofo é o de mostrar um erro gramatical de *forma característica*, até que se possa reconhecê-lo como tal:

Podemos convencer o outro de um erro somente se ele reconhece que isto é realmente a expressão correta de seu sentimento. Somente quando ele a reconhece como tal é ela a expressão correta (psicanálise). Aquilo que o outro reconhece é a analogia que eu lhe apresento como a fonte de seu pensamento. (PHI: 181).

Não seria o trabalho do filósofo e do psicanalista unívoco, no sentido de ambos se empenharem em investigações estéticas? Wittgenstein se refere ao "estranho parentesco de uma investigação filosófica com uma investigação estética" (VB: 39 [25]). Portanto, parece-nos que, salvo as profundas diferenças, filosofia e psicanálise têm algo em comum.

Conclusão

Em termos gerais, nosso objetivo pautou-se na necessidade de se estabelecer, ou mesmo, elucidar as posições de L. Wittgenstein com relação ao pensamento freudiano. Sabemos que poderíamos ter dado um caráter de muito mais profundidade, e tínhamos subsídio para tal, no entanto, pelas próprias circunstâncias de produção, decidimos por fazê-lo, quem sabe, *a posteriori*.

A psicanálise freudiana que ganhou projeção e divulgação em sua época, não se isentou das fortes críticas de seus contemporâneos. Wittgenstein, que teria se posicionado como um "discípulo de Freud" (pelo menos em afirmação feita por ele mesmo) tornou-se muito mais um leitor, intérprete e crítico do pensamento de seu "mestre". Podemos considerar que alguns pontos fundamentais causavam-lhe estranheza com relação à teoria freudiana: a sua aceitação maciça e ao mesmo tempo acrítica, a elegância e astúcia com que Freud coloca suas principais questões, a "ousadia" freudiana em querer dar à psicanálise um *status* de ciência e a identificação de toda produção de Freud como eminentemente estética. Mas, a crítica de Wittgenstein a Freud foi condensada em torno da distinção gramatical entre causa e razões. Para Wittgenstein, o que Freud faz, efetivamente, é percorrer uma cadeia de razões. Como ele não sabe onde parar, formula uma hipótese causal, denunciando uma grande confusão feita entre ciência e estética.

Se Wittgenstein estava correto quanto às críticas tecidas a Freud, a história será quem o julgará. O que importa como conclusão é admitir que, como filósofo, cumpre

bem com sua função de analista e de sistematizador de idéias, posicionando-se criticamente diante dos problemas emergentes e assumindo uma postura radical e rigorosa diante de problemas que muitas das vezes passam, à maioria da sociedade, despercebidos. As afirmações de Wittgenstein sobre o pensamento freudiano não poderiam ser resposta final e definitiva à psicanálise, fazê-lo seria a contragosto do próprio filósofo. Se não são "verdadeiras", servem-nos, pelo menos, como ótimas orientações.

Referências Bibliográficas

- BOUWSMA, O. K. *Wittgenstein: conversations 1949-1951*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1986.
- CARVALHO, Frederico Zeymer Feu de. *O fim das cadeias de razões: Wittgenstein, crítico de Freud*. São Paulo: Annablume, 2002.
- FREUD, S. A Interpretação dos sonhos. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969, v. (s) IV e V.
- _____. S. (1895/1950). Entwurf Einer Psychologie. In: Sigmund Freud. *Gesammelte werke*. Nachtragsband. Frankfurt: Fischer, 1987. Tradução em *Notas a 'Projeto de uma Psicologia'*. De GABBI JR., O. F. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- _____. S (1910). Cinco lições sobre psicanálise. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969, v. XI.
- _____. S (1916). Conferências introdutórias sobre psicanálise, Conferência I. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1969, v. XV.
- _____. S (1915). O Chiste e sua Relação com o Inconsciente. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969, v. VII.
- JANIK, Allan e TOULMIN, Stephen. *A Viena de Wittgenstein*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- KRAUS, K. *Die Fackel*. n. 256, jun. 1908, p. 22.
- MALCOLM, N. *Ludwig Wittgenstein: a Memoir*. Incluindo um estudo biográfico de Georg H. von Wright. Oxford: University Press, 1958, p. 53.
- MCGUINNESS, Brian (Org.) (1987). *Ludwig Wittgenstein and the Vienna Circle*. Oxford: Basil Blackwell, 1967.
- McGUINNESS, B. Freud and Wittgenstein. In: *Wittgenstein and his Times*. Ed. B. McGuinness. Oxford: B. Blackwell, 1982.
- (BB) WITTGENSTEIN, Ludwig (1958). *The Blue and Brown Books*. Oxford: Basil Blackwell, 1958. Tradução Portuguesa: "O Livro Azul". Lisboa: Edições 70, 1992.
- (LC) _____. *Lectures and conversations on aesthetics, psychology and religious belief (1966)*. Compilado a partir de notas tomadas por Y. Smithies, R. Rhees e J. Tylor. Editado por Cyril Barrett. Oxford: Basil Blackwell, 1966. Tradução Portuguesa de José Paulo Paes: *Estética, Psicologia e Religião*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- (PHI) _____. L. *Philosophie*, § 86-93 do *Big Typescript*, In: "Wittgenstein (1889 – 1989)", número especial da "Revue Internationale de Philosophie", n. 169, 1989.
- (PI) _____. Ludwig (1951). *Philosophical investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 1958. Tradução Portuguesa de José Carlos Bruni: *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, (Col. Os Pensadores), 1984.
- (TLP) _____. L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Ed. Bilingue para a língua portuguesa. Tradução Luiz Henrique dos Santos. São Paulo: EDUSP, 1994.
- (VB) _____. L. (1977). *Vermische Bemerkungen*. Editado por: G. H. Von Wright, Oxford: Basil Blackwell, 1977. Edição francesa bilingue, traduzido por Gerard Granel: *Remarques Mêlées*. Paris: Ed. T. E. R., 1984.